



CINDERELA CONTEMPORÂNEA: A (DES)CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA EM SALA DE AULA

CONTEMPORARY CINDERELLE: THE DECONSTRUCTION OF THE NARRATIVE IN THE CLASSROOM

Maria Tereza Aigner Menezes¹
Larissa Fabrício Zanin²

RESUMO

O trabalho apresenta uma análise semiótica de um caderno produzido durante uma oficina ofertada aos alunos das séries iniciais do ensino fundamental. Dentre estes, foi selecionado um caderno que apresentava relações explícitas com o conto de fadas da Cinderela e a Princesinha Sofia. A partir da identificação desses interdiscursos cria-se uma análise de como tais referências influenciam no fazer e agir da criança os consome.

PALAVRAS-CHAVE

Análise semiótica; Caderno de artista; Cinderela, Princesinha Sofia.

ABSTRACT

The paper presents a semiotic of a workshop outline during a teaching workshop to the earlys grades of elementary school. Among these, a notebook was selected that present the explicit relationship with a Cinderella's fairy tale and Princess Sofia. From the identification of these interdisciplinary creatsna analysis of their ways influencing the doing and acting of the child consumes them.

KEYWORDS

Semiotic analysis; Artist's notebook; Cinderella; Little Princess Sofia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As imagens permeiam e invadem nossas vidas cotidianamente, até mesmo sem a nossa permissão consciente. Chegam até nós por meio das publicidades espalhadas pela cidade, nos objetos de consumo, nas telas que nos envolvem, nos mais variados artefatos culturais

¹ Maria Tereza Aigner Menezes é aluna finalista do curso de licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões Cultura com pesquisas voltadas para o tema "Identidade e visualidade da periferia", realiza pesquisa prática e teórica em arte urbana e o corpo na cidade. Contato: mariamenezes2014@outlook.pt.

² Larissa Fabrício Zanin possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (2004) e mestrado em História (2007) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2012). Atualmente é professor adjunto de fotografia e Coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Fotografia, atuando principalmente nos seguintes temas: Fotografia, Semiótica e Ensino de Arte. Contato: larissa_zanin@hotmail.com.



estabelecendo modos de ser e estar no mundo. Considerando a necessidade de refletir sobre as imagens que nos cercam cotidianamente e como elas constroem modos de ser e estar no mundo, o artigo apresenta reflexões sobre imagens e artefatos culturais que constituem representações do feminino.

Partindo do pressuposto teórico da Cultura Visual e da Sociosemiótica, este artigo apresenta uma análise dos sentidos e significações presentes em um caderno produzido durante uma oficina de arte intitulada “Caderno de Artista”, ofertada aos alunos das séries iniciais do ensino fundamental da EMEF Edna Mattos Siqueira Gaudio, em Jesus de Nazareth, Vitória - ES.

A oficina tinha por objetivo refletir sobre os modos como as visualidades produzidas pelos e pelas estudantes reiteravam as práticas sociais construídas socialmente que, em sua maioria, potencializam os discursos e comportamentos intolerantes na escola, principalmente nos aspectos que tangem o lugar do feminino no mundo. A partir dessas visualidades, foi possível problematizar a normatização dos modos de ser e estar no mundo impostos às mulheres, principalmente, pelos discursos visuais da cultura de massa.

Dentre os cadernos produzidos se destaca uma atividade de História em Quadrinhos de uma aluna que apresentava relações narrativas com o conto de fadas “Cinderela”. Apesar de apresentar relações óbvias com o conto, o trabalho da aluna se diferencia pela desconstrução da narrativa, uma vez que a aluna constrói sua história mais próxima da realidade do nosso tempo, sem que sua transformação precise de magia. Proponho então, uma relação intertextual entre o conto da Cinderela e da Princesinha Sofia, ambas histórias da Disney, mas, a segunda é mais recente, com uma mocinha que não deseja ocupar o mesmo lugar idealizado das princesas tradicionais.

Tal posicionamento é reiterado pela fala da princesa que enquanto recebe indicações sobre como deve se portar afirma que deseja ser livre. A partir da identificação desses interdiscursos cria-se uma análise sobre a construção do feminino na infância pelas referências da cultura visual e a importância do estudo e da leitura de imagens nas aulas de artes. Aponta, a partir de suas análises, a importância de uma educação para a cultura visual



de modo que as nossas práticas do ver sejam transformadas em leituras críticas e interpretativas de si e do mundo.

MODOS DE SER MENINA

Antes mesmo de nascermos já nos são determinados estilos de vida e modos de ser pertinentes ao universo do masculino e do feminino. A conjunção “e” deixa claro que na definição dos objetos de consumo não há a possibilidade do “ou”. Desde a construção dos enxovais já são determinados os temas e cores que devem permear a vida da criança para o ser menino ou menina.

Se adentrarmos as lojas de brinquedos essa diferenciação também está marcada pela setorização dos produtos destinados para cada gênero. Às meninas são reservadas as bonecas, simulações de família e da vida doméstica. Fogões, geladeiras, e os mais variados utensílios domésticos estão localizados no setor de brinquedos femininos. A maior parte deles reitera seu público consumidor também no aspecto cromático, sendo o setor das meninas majoritariamente rosa, cor socialmente concebida para o gênero.

O mesmo acontece com relação às personagens e/ou desenhos infantis destinados às meninas. Dentre as personagens femininas do universo infantil predominam as representações visuais do modelo clássico da princesa. É esse repertório de imagens e artefatos culturais que farão parte da formação de identidade da maior parte das meninas.

A cultura infantil da mídia cria, então, de maneira silenciosa, uma espécie de currículo “cultural-imagético”, em que temas do cotidiano, abordados de maneira ingênua e, aparentemente, informal dissimula interesses comerciais, ao mesmo tempo em que exerce forte influência na formação de identidades (MARTINS; TOURINHO, 2010, p.42).

As meninas crescem sob o imaginário do “ser princesa” que engloba uma série de valores comportamentais, estéticos, estereótipos e de consumo.

Vestidos esvoaçantes, comportamento servil e de gestos delicados que são copiados pelas meninas na primeira infância. Constroem, a partir de suas práticas de vida em suas respectivas narrativas ficcionais, discursos de verdade os quais são aceitos e reiterados pelas meninas em suas práticas cotidianas.



Instauram também, além dos estereótipos inalcançáveis, modos de compreender as relações humanas e afetivas. As meninas, a partir dos contos das princesas, compreendem a relação amorosa a partir da conquista do “Príncipe Encantado”, único capaz de lhe proporcionar a felicidade eterna. Nesse sentido destaca NUNES,

[...] muitos artefatos culturais, entre eles os contos infantis clássicos, instauram maneiras de pensar sobre o amor e a união de pessoas jovens/adultas. Afirmo associar a frase “felizes para sempre” ao casamento, certamente, constrói subjetividades de que esse é um estado necessário na vida, trazendo assim, questões que envolvem o amor romantizado, como característico das meninas, pois elas criam o imaginário da espera do príncipe como salvação de problemas, e que este irá lhe proporcionar felicidade (2010, p. 174).

Nesse sentido, fica estabelecida a construção social e ideológica da mulher como sujeito frágil que carece da figura masculina como elemento protetor e/ou salvador. Assim afirma TAVIN; ANDERSON “As jovens protagonistas são frequentemente subordinadas aos heróis e, muitas vezes empregam comportamentos sobredeterminados de sexualidade e de sacrifício, a fim de conquistar a companhia e segurança masculina (2010, p.60)”.

A PRESENÇA DAS PRINCESAS NA NARRATIVA

Conforme a discussão anterior, as princesas fazem parte da construção identitária e dos processos de socialização feminina de grande parte das meninas ocidentais, sobre forte influência dos desenhos da Disney. Algumas princesas mais antigas, presentes há muito tempo no imaginário do que é ser uma mulher feminina, trazem em suas narrativas a busca como objeto valor o amor, sempre figurativizado na figura do príncipe encantado. Mais recentemente vimos o surgimento de um modelo outro de “ser princesa”, que se coloca contrária às normatizações sociais e culturais do “ser feminino”, apresentando em suas narrativas objetos valores outros e não mais o encontro com um príncipe encantado.

Dois exemplos dessas princesas, respectivamente, são a Cinderela e mais recente, a Princesinha Sofia. Chamaremos a segunda de pós-moderna, entendendo o termo como um indicativo de quebra de valores creditados a modernidade, especificamente no campo da arte, como, a aceitação de um distanciamento entre a construção de sentidos do



modernismo e a arte posterior a ele³. Acredita-se que a quebra de valores não permanece apenas no campo artístico, mas na postura dos sujeitos da época e suas práticas sociais, assim como, a mudança de postura feminina, que passa a se inserir nos diferentes meios, assim como passa a ganhar maior visibilidade com suas produções artísticas.

Justificada a escolha das nomenclaturas, pensaremos agora, a partir da semiótica e da Cultura Visual, como se constroem os sentidos de ser mulher no texto visual da aluna x.

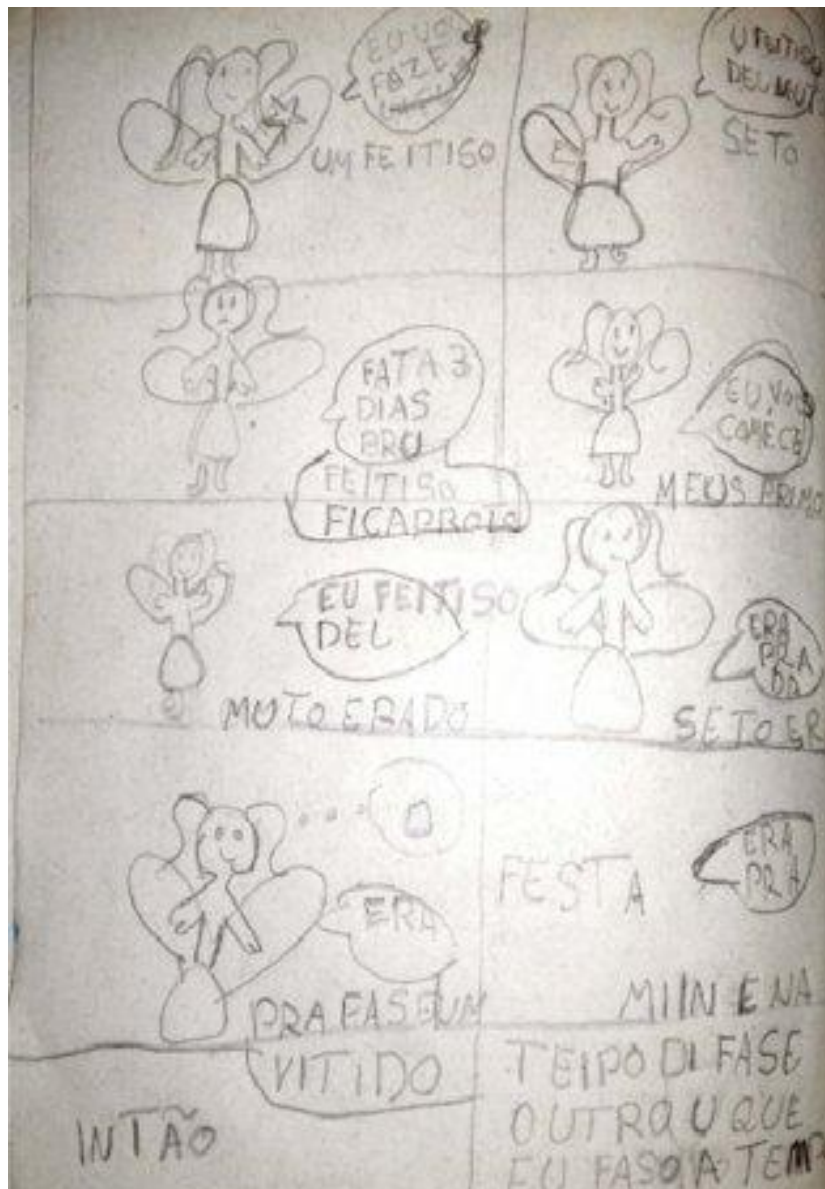


Figura 1 - Atividade desenvolvida pela aluna x. O dever era desenvolver uma história em Quadrinho, com um personagem criado por ela.

³ WOOD, Paul. A ideia do pós-moderno. In *Arte moderna práticas e debates: modernismo em discussa arte desde os anos 40*. Cosac & Naify edições, p. 236 à 256. P. 237.



Apesar dos traços simples do desenho e a escrita com erros comuns às crianças dessa idade, o conteúdo das falas deixa claro o posicionamento da aluna. A referência que a aluna faz ao conto da Cinderela é explícita com a presença da fada figurativizada no plano plástico, assim como as falas que indicam o desejo a ser realizado, no caso, a entrega de um vestido.

A surpresa da história se dá em três momentos: a primeira diferença que conduz a trama é a presença da menina que quer o vestido, mas só é percebida pelas falas. A menina de fato não aparece, ou seja, a enunciatória deste discurso dá mais importância a fada que realizará o desejo do que a princesa em si. A segunda diferença entre o conto tradicional e esta sua nova versão pós-moderna é que em nenhum momento a fada refere-se a ela como princesa, a condição social da personagem oculta na história não nos é revelada. Por fim, o terceiro indício de sua contemporaneidade é a sanção negativa da fada que não realizará o feitiço, que segundo ela "deu muito errado", o que não é de fato ruim, pois a menina poderá comprar o vestido em uma loja próxima a ela, ou seja, a realização do sonho não vem de fora, vem do próprio fazer da menina.

Uma série de outros conteúdos implícitos no plano plástico de suas atividades revelam o "contrato fiduciário" estabelecido entre a aluna e o que é representado nos contos de fadas. Entende-se tal contrato, como foi descrito por Rebouças (2001)

o destinador em seu fazer persuasivo, faz crer ao destinatário da sua "proposta" e este, em seu fazer interpretativo, crê ser verdade o discurso apresentado. Para o estabelecimento deste contrato, tem de haver confiança e crença, e, por este motivo, ele é chamado de contrato fiduciário. É através dele que os valores dos objetos comunicados ou trocados são decididos (REBOUÇAS, 2001, p. 136).





Figura 2 - Exercício de colagem com o tema "o que quero ser quando crescer".

Novamente, a aluna x nos dá indícios da assinatura do contrato: A imagem da mulher representada pela aluna é sempre de uma mulher branca e com o cabelo liso, valor empregado em quase todos os filmes de princesa, assim como as escolhas de suas profissões, como modelo, cantora, jogadora de futebol, todas essas que conferem ascensão social. O status de princesa se renova por status contemporâneos usados para referir-se ao que é ser belo ou socialmente aceito.

A forma como é aceita a história das princesas nos leva a pensar sobre como as imitações são para o senso comum a própria realidade, o que não deixa de ser um desejo do sujeito que realiza tal discurso. Segundo Greimas (1984)

Ao conceito de imitação que, na estrutura da comunicação se situa no âmbito enunciator, corresponde o de reconhecimento que é próprio do enunciatário: "imitar", nas precárias condições que acabamos de assinalar, não tem sentido a não ser que as figuras visuais assim traçadas sejam oferecidas ao eventual espectador para que as reconheça como configurações do mundo natural (GREIMAS, 1984, p. 23).



Apesar de aceitar como verdade um certo tipo de padrão ao qual deve ser seguido por meninas/mulheres, um novo modelo é construído neste exercício. Uma fala constante entre os alunos era a de que o futebol não é para as meninas, apenas para os meninos, e esse é exatamente um dos anseios da aluna X em suas pretensões sobre o futuro: ser jogadora de futebol. De imediato, nos leva a pensar sobre um segundo intertexto: a Princesinha Sofia. Um desenho recente, produzido também pela Disney, que tem como personagem principal uma princesa jovem, que conhece seus deveres de princesa e deseja mais que isso, anseia pela liberdade.

Assim como a enunciatária dessa colagem que não se satisfaz apenas com os anseios profissionais que se espera para uma menina, ela deseja algo além de ser modelo ou cantora, quer ocupar um lugar que não julgam ser reservado a ela. Entretanto, seguido da revelação do desejo da aula de jogar futebol, nos é apresentado o porque ela não efetua ação;

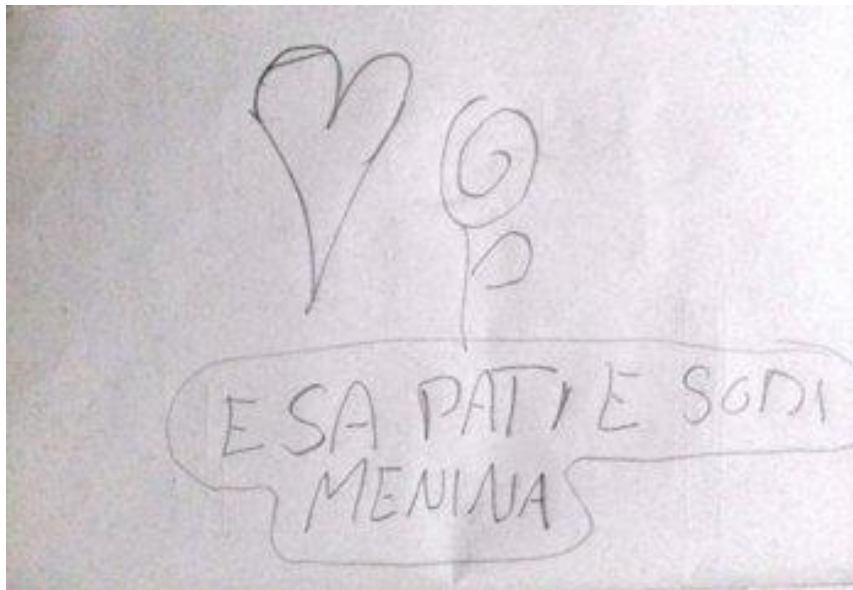


Figura 3 - Exercício de desenho sobre um local preferido da escola. Seguido pelo diálogo: Prof: Por que esse espaço é só de meninas? Aluna X: Porque a quadra já é dos meninos, então a toca 4 é das meninas.

O plano de conteúdo do desenho da aluna é reiterado pela sua fala. Nos diferentes textos que ela produz, as visualidades reiteram que nem mesmo seu desejo de jogar futebol é suficiente para fazê-la quebrar o contrato.

⁴ Nome usado pela aluna para se referir a uma área fechada da escola com alguns brinquedos como pula-pula, entre outros.



Figura 4 - Fotos da toca tiradas pela aluna X.



Figura 5 - Fotos da toca tiradas pela aluna Y.

Se comparada a outra aluna y – a qual não nos concentraremos em analisar agora - é percebida a forma como a aluna x encara esse ambiente que ela acredita ser reservado para as meninas, um local privado, em que ela evidencia a presença das grades que o cercam. Uma clara alusão ao ambiente doméstico ao qual a mulher é submetida. Se comparado com a história das princesas essa alusão pode ser feita com os castelos ou torres onde as princesas vivem.

Desta forma, as oposições encontradas no nível mais profundo do texto da aluna, o nível fundamental, é liberdade x prisão, feminino x masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base a análise feita dos trabalhos da aluna, conclui-se que de fato, os contos de princesas interferem em sua interpretação do mundo. Alguns contos como a Cinderela reforçam padrões já existentes e outros mais atuais, como a Princesinha Sofia, estabelecem o objeto-valor liberdade, mostrando que uma menina pode desejar ser mais que uma princesa, ela pode desejar ser livre.

Tais informações para a aluna, servem por fim, para ressignificar o espaço escolar. O espaço escolar que é construído de uma forma específica a fim de dar funções específicas para os



locais e orientar a locomoção de quem por ali passa, é apropriado pelos alunos que recriam seus significados e formas de sociabilidade⁵. É exatamente isso que nossa aluna faz. A assinatura do contrato de veridicção com as histórias que influenciam suas práticas sociais nesse espaço, atribuindo à um local específico um pertencimento feminino e a outro, um pertencimento masculino.

Nesse caso, a escolas se torna mais um ambiente de reiteração dos padrões de comportamentos por meio da visualidade. Essas experiências visuais delimitam os comportamentos e entendimento do que é aceitável para meninos e meninas, por meio dessas imagens que a invade, redizem diariamente quais são os lugares de meninas e meninos, quais comportamentos são aceitáveis para um e outro e conseqüentemente, as mulheres acabam subjugadas e novamente reafirmadas sobre um padrão estético que começa a fazer parte de sua vida já nos primeiros desenhos infantis aos quais tem acesso.

A não problematização desses detalhes cotidianos que muitas vezes passam despercebidos são também grandes responsáveis pela continuidade das atitudes que aprisionam os corpos femininos. A escola como formadora de sentidos é um campo de análise amplo para a discussão de gênero, trata-la não mais como tabu é peça chave para a quebra dos padrões de gênero e a liberdade do corpo da mulher.

Referências

Dayrell, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

GREIMAS, A. J. A semiótica figurativa e a semiótica plástica. In: **Figuração: revista brasileira de semiótica**. Nº 4, p. 18 a 46, jun. 1984.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Cultura Visual e Infância**: quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2010.

NUNES, Luciana Borre. A Cultura Visual nas tramas escolares: a produção da feminilidade nas salas de aula. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Cultura Visual e Infância**: quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2010.

REBOUÇAS, Moema Martins. Contratos na Pintura: O caso de Volpi, In: **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**. nº 2. São Paulo: Educ, 2001.

⁵ Dayrell, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.



TAVIN, Kevin; ANDERSON, David. A Cultura Visual nas aulas de arte do Ensino Fundamental: uma desconstrução da Disney. MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Cultura Visual e Infância:** quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2010.

WOOD, Paul. A ideia do pós-moderno. In: **Arte moderna práticas e debates:** modernismo em discussa arte desde os anos 40. Cosac &Naify edições, p. 236 à 256.